



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

MEMORIAL DA SERRALHARIA – ARQUEOLOGIA DO PASSADO RECENTE NO HOSPITAL DE SÃO JOSÉ

João Sequeira¹, Carlos Boavida², Afonso Leão³

RESUMO

Este artigo é um contributo para a memória operária da cidade de Lisboa a partir da identificação e levantamento de uma serralharia em risco de colapso no espaço do Hospital de São José. Situada numa área com necessidade de recuperação, a serralharia periclita pela passagem das décadas, ainda alberga maquinaria industrial e é uma oficina de recurso para além de espaço de armazenamento de materiais.

Estando no horizonte, por questões de segurança, a eventual demolição do imóvel, os autores uniram esforços para preservar a memória histórica, antropológica, arqueológica e etnográfica de um edifício que no fundo recolhe reacções silenciosas e momentos de ponderação e reflexão quando é mencionado este facto: José Saramago trabalhou aqui.

Palavras-Chave: Arqueologia Contemporânea; Arqueologia Industrial; Património Hospitalar; Preservação pelo Registo; José Saramago.

ABSTRACT

This article is a small contribution to the working memory of the city of Lisbon based on the identification and survey of a metalworking shop at risk of collapse inside the Hospital of São José's space. Located in an area in need of recovery, this metalworking shop, which suffered time decay, still houses industrial machinery and still is a resource workshop in addition to material storage space.

With the hypothesis of a razing for security reasons, the authors joined efforts to preserve the historical, anthropological, archaeological and ethnographic memory of a building. This structure collects silent reactions and moments of pondering and reflection when we acknowledge that the famous writer José Saramago worked here.

Keywords: Archaeology; Industrial Archaeology; Hospital Heritage; Preservation by Recording; José Saramago.

1. INTRODUÇÃO

Se o local em estudo nunca se destacou na paisagem urbana do Hospital de São José, nos dias que correm parece totalmente perdido no tecido arquitectónico que o rodeia. Com sérios problemas estruturais que passam por um telhado em risco de colapso e paredes com fracturas ameaçadoras, a antiga ser-

ralharia do Hospital de São José oferece uma curta, mas interessante, viagem ao passado recente. Ao longo das últimas décadas, umas vezes oficina, outras, arrecadação ou depósito temporário de coisas que lá ficam para sempre, foi mantendo o distintivo que lhe confere destaque: o local onde em tempos (1941-1942) trabalhou José Saramago (1922-2010) como serralheiro mecânico.

1. CICS NOVA, Universidade do Minho; Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa; IN2PAST – Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território. Bolseiro de Doutoramento da Fundação Ciência e Tecnologia / jlpbsequeira@gmail.com

2. Gabinete do Património Cultural – Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central; Associação dos Arqueólogos Portugueses / carlos.boavida@chlc.min-saude.pt

3. NOVA-FCSH; História, Territórios e Comunidades; Centro de Ecologia Funcional – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa. Bolseiro de Doutoramento da Fundação Ciência e Tecnologia / afonsoleao@hotmail.com

Tal como ele, muitas outras pessoas ali trabalharam, mas que nenhuma com a mesma projecção mediática que o único prémio Nobel da Literatura português (até à data) angariou. É uma realidade que Saramago não trabalhou neste local durante muito tempo, mas será esse facto escusa suficiente para que o local não mereça uma apreciação sobre a sua relevância? Neste artigo, os autores apresentam uma abordagem dividida em três partes distintas: explicação e contextualização histórico-institucional; levantamento arqueológico com recurso a inventário e apresentação dos dados físicos, funcionais e técnicos; e para terminar, a discussão teórica do ponto de vista da Arqueologia do Passado Recente, bem como novos dados e hipóteses sobre o percurso breve de José Saramago no local em apreço.

2. PORQUE LEMBRAR É PRECISO

No final do século XIX existiam variados problemas ao nível da assistência hospitalar em Lisboa. Entre aqueles, os mais relevantes eram a sobrelotação e os diminutos recursos financeiros que, por sua vez, se reflectiam em deficitárias condições sanitárias (Cabral, 1915: 14-19). Os serviços estavam então sediados no Hospital Real de São José, na dependência do qual funcionavam os chamados *annexos*, constituídos por um número assinalável de outros hospitais (São Lázaro, Rilhafoles⁴, Desterro, Dona Estefânia, Dona Amélia⁵ e Odivelas⁶), onde no total existiam 2800 camas (Cabral 1915: 21-22).

Uma das questões mais abordadas na comunidade médica da época prendia-se com a remodelação dos espaços existentes ou se deveriam ser construídos novos espaços para permitir as condições necessárias (Cabral, 1915: 13). Em finais de 1900, Hintze Ribeiro (1849-1907), Presidente do Conselho de Ministros, convidou José Curry da Câmara Cabral (1844-1920) para ocupar o cargo de Enfermeiro-Mor⁷, tendo como principais objectivos a reorga-

nização da assistência, mas também o saneamento das contas da instituição (Cabral, 1915: 11).

Formado pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1864, então a funcionar num anexo do Hospital Real de São José, Curry Cabral, que se doutorou em 1869, tinha um currículo invejável. Em 1870 foi nomeado cirurgião do *Banco*⁸ e a partir de 1885 foi igualmente director de enfermaria. Desde 1876 era professor da secção cirúrgica da escola onde se formou, onde também assumiu nesse mesmo ano a regência da cadeira de Anatomia Patológica e, mais tarde, a da cadeira de Medicina Operatória. Foi presidente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, vice-presidente da comissão de propaganda da Assistência Nacional aos Tuberculosos e vogal do Conselho Superior de Higiene, além de outras corporações nacionais e estrangeiras. Autor de numerosos artigos, foi igualmente director da revista *Medicina Contemporânea* (Barbosa, 1960: 13; Monteiro, 2012: 17).

Graças ao seu percurso profissional, conhecia bem os problemas existentes no Hospital Real e não se mostrou muito receptivo a aceitar o convite que lhe foi endereçado para ocupar aquele importante cargo administrativo (Cabral, 1915: 12-13). Os problemas estendiam-se a vários sectores, desde o descontrolo na admissão de doentes, à total desordem dos serviços clínicos, passando pela inexistência de inspecções de higiene, numa época em que as infecções e contágios eram dominantes (Cabral, 1915: 29-41). Àquela data, o Hospital era constituído pelo antigo colégio jesuíta de Santo Antão-o-Novo (onde funcionava desde 1775), existindo na sua cerca outros edifícios, na maioria em más condições estruturais e higiénicas. Entre outros, aqueles edifícios incluíam uma vacaria (para produção de leite para as crianças que nasciam na Enfermaria de Santa Bárbara), o depósito de cadáveres num pavilhão onde os corpos eram amortalhados antes de seguirem para o cemitério, um barracão para depósito de medicamentos, um *pavilhão-barraca* para os diftericos, a Farmácia e a *Lavanderia* (este último muito deteriorado e com máquinas velhas) e uma *barraca* que servia de serralharia – a única oficina no hospital (Cabral, 1915: 41-43).

4. Local onde funcionava o Manicómio de Rilhafoles, mais tarde Hospital Dr. Miguel Bombarda. Foi encerrado em 2011.

5. Após a Implantação da República passou a ser designado Hospital de Arroios. Foi encerrado em 1992.

6. Funcionou apenas entre 1899 e 1902 no Mosteiro de São Dinis de Odivelas (Cabral, 1915: 52).

7. O cargo de Enfermeiro-Mor corresponde ao actual presidente do Conselho de Administração.

8. O Banco corresponde actualmente ao denominado Serviço de Urgência. A expressão parece ter origem na “Casa das Águas”, espaço onde se aguardava para ser atendido no Hospital Real de Todos-os-Santos. Ali estava o chamado Banco das Águas, onde era analisada a urina (as águas) dos doentes para fazer o diagnóstico (Carmona, 1964).

Curry Cabral acabou por aceitar o cargo de Enfermeiro-Mor após satisfeitas algumas exigências, nomeadamente a instituição de uma administração única, directamente na dependência do ministro da tutela, com a obrigatoriedade do Enfermeiro-Mor ser um médico⁹, apoiado por um adjunto formado em contabilidade e um secretário vitalício com formação em direito (Cabral, 1915: 55-60).

O número de alterações levadas a cabo pela administração presidida por Curry Cabral é extenso, pelo que faremos apenas referência a algumas delas. Assim, no início de 1902 estava gizado um plano que implicava a reparação e melhoramento dos hospitais existentes, assim como a construção de dois novos hospitais (Santa Marta e Rego) e uma maternidade. Alguns espaços deveriam ser encerrados por não ser viável a realização das obras de adaptação às condições de higiene necessárias. Eram eles o Hospital do Desterro e o Hospital Rainha D. Amélia (Cabral, 1915: 219-256). Por outro lado, a nível geral, foi implementada uma nova organização e regulamentação da hospitalização, assim como dos serviços¹⁰. Foram também criadas as repartições de Inspeção Geral de Higiene e da Estatística Médica (e o respectivo boletim), assim como foi instituída a Escola Profissional de Enfermeiros (Cabral, 1915: 196-215).

Dentro do espaço do Hospital Real de São José foi reformado o edifício da Farmácia, que passou a incluir o depósito de medicamentos e um autoclave para esterilização de material antisséptico e das roupas do bloco e das enfermarias. A *lavanderia* foi ampliada e modernizada com equipamento vindo do estrangeiro, incluindo duas caldeiras a vapor, o que permitiu que aqui fossem tratadas roupas de todos os hospitais que integravam o grupo – 15000 peças a cada 10h (Cabral, 1915: 267-280).

Foi recuperado o *amphiteatro* anatómico e construído um novo edifício para instalação dos serviços

administrativos. A nova central eléctrica produzia energia para a *lavanderia*, mas também para outros espaços, nomeadamente a farmácia, o laboratório de análises clínicas (outro projecto de Curry Cabral concluído com sucesso) e as oficinas, que são então ampliadas e equipadas com nova maquinaria. Além da serralharia que falaremos em seguida, foram criadas também as oficinas de caldeireiro, carpinteiro, funileiro, soldador e de pintura, tendo em vista a manutenção dos espaços hospitalares, evitando o recurso a serviços externos, poupando assim vários contos de réis anualmente (Cabral, 1915: 267-280).

A queda do governo de Hintze Ribeiro em Maio de 1906, assim como a sua morte súbita no ano seguinte, levaram a que Curry Cabral tenha perdido os apoios políticos de que dispunha para concluir o plano delineado para reformar a assistência hospitalar (Cabral, 1915: 316-339). Destituído do cargo de Enfermeiro-Mor com a Implantação da República, a 5 de Outubro de 1910, Cabral publicou em 1915 as suas memórias e impressões sobre a sua passagem pela administração do Hospital Real de São José. Foi graças a essas que foi possível fazer a síntese aqui agora apresentada.

Não é certo se o edifício da serralharia construído no âmbito da reforma dos serviços implementada por Curry Cabral estava ou não concluído quando aquele foi substituído no cargo de Enfermeiro-mor. Contudo, não restam dúvidas de que o edifício não corresponde ao que existe actualmente, estando toda a zona onde ele se integra bastante alterada pela presença de várias construções. Tal facto está bem patente na cartografia de 1911, da autoria de Júlio Silva Pinto e Alberto Sá Correia, mas também na chamada *Maqueta do Bombeiro*, criada entre 1906 e 1932 por Luís Pereira Carvalho (Fernandes, 2023). Na planta topográfica de Lisboa¹¹, de José António Passos, datada de 1925, continua a figurar o mesmo edifício que nos registos anteriores. Fotografias do Estúdio Mário Novais, existentes na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, confirmam esta situação, nomeadamente uma fotografia aérea, datada do início dos anos 30, em que o actual edifício ainda não existe. Este só aparece em outras fotografias, com idêntica proveniência, já dos finais daquela década.

Como já referimos, esta serralharia não teria captado a atenção dos profissionais ligados ao patrimó-

9. O cargo nunca foi ocupado por um enfermeiro. Trata-se de uma “herança” do Hospital Real de Todos-os-Santos, quando este foi administrado pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. O título seria mais no sentido de irmão-maior ou provedor. O Hospital Real de São José, herdeiro directo de Todos-os-Santos foi, até meados do século XIX, igualmente administrado pela Santa Casa da Misericórdia (Cabral, 1915: 120-129 e 140-146). Até à nomeação de Curry Cabral o cargo também nunca foi ocupado por um médico, mas sim por nobres, militares ou clérigos.

10. Decreto de 24 de Dezembro de 1901 - Diário do Governo, n.º 293 de 27 de Dezembro de 1901.

11. Disponível no Arquivo Municipal de Lisboa.

nio hospitalar se não tivesse trabalhado ali um dos nomes mais sonantes da literatura contemporânea portuguesa: José Saramago.

Nascido na Azinhaga (Golegã), José de Sousa (Saramago) veio ainda criança com a sua família para Lisboa. Citando a autobiografia do próprio¹², embora fosse bom aluno, por falta de meios, não foi possível aos seus pais continuarem a mantê-lo no liceu, tendo ingressado na Escola Industrial Afonso Domingues onde, ao longo de cinco anos, aprendeu o ofício de serralheiro mecânico, tendo depois trabalhado nessa área cerca de dois anos.

De acordo com o verbete associado ao processo (*Livro de Registo-Geral do Pessoal Hospitalar*) existente no Arquivo Geral do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central, José de Sousa Saramago foi contratado para os Serviços Industriais dos Hospitais Cíveis de Lisboa (HCL) a 10 de Novembro de 1941 (Figura 01), poucos dias antes de completar 19 anos. Nem esse documento, nem no processo propriamente dito, existe referência à função que iria exercer, mas essa consta no *Registo de Vencimentos - Pessoal Hospitalar* – aprendiz de serralheiro. Ainda naquele mês, por indicação da Inspecção de Higiene Sanitária foi vacinado contra a varíola, não apresentando, segundo o parecer daquela, “qualquer sintoma de moléstia e tem a robustez necessária ao cabal desempenho da função a que se destina”.

Os Serviços Industriais dos HCL incluíam um número assinalável de funcionários organizados em várias secções e oficinas, entre os quais a serralharia, da qual faziam parte do quadro dois aprendizes de serralheiro. No final de Março do ano seguinte foi mandado substituir um fogueiro que requereu a rescisão de contrato. Saramago prestou serviço nestas funções apenas até ao início de Junho, data em que foi transferido para a 1.ª Repartição da Secretaria-Geral dos HCL. Em Novembro foi solicitado ao Ministro do Interior a autorização para contratar Saramago como auxiliar de escrita além do quadro, o que foi autorizado por despacho em Diário do Governo¹³. Nessa altura, Saramago era já frequentador habitual, no período nocturno, da Biblioteca das Galveias, onde desenvolveu e apurou o gosto pela leitu-

ra¹⁴. Em Janeiro de 1943 foi feita uma nova exposição ao ministro, tendo em vista a contratação de Saramago como praticante dos Serviços Administrativos, em substituição de outro funcionário, o que foi novamente autorizado.

Em Abril do ano seguinte, Saramago pediu a rescisão de contracto, a qual foi aceite. Passou então para os serviços administrativos da Segurança Social, onde ficou até ao final daquela década. Nesta época já haviam sido publicados os primeiros livros, mas só anos mais tarde se dedicou em exclusivo à escrita, o que lhe valeu o reconhecimento público e diversos prémios, entre os quais o Prémio Camões (1995) e o Prémio Nobel da Literatura em 1998.

3. LEVANTAMENTO E INVENTÁRIO DO QUE RESTA

Localizada no limite norte da cerca do Hospital de São José, junto ao Serviço de Anatomia Patológica (morgue) e nas traseiras da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, o edifício da actual serralharia foi aparentemente construído nos finais da década de 30, não correspondendo ao que foi edificado no âmbito das reformas implementadas por Curry Cabral, que terá sido substituído pelo hoje existente.

O edifício (Figura 02) encontra-se ao fundo de um patamar/socalco onde estão outros espaços oficiais. A serralharia, de planta rectangular, estende-se de Este a Oeste, estando a entrada principal virada a Sul. Possui 15,34 metros de comprimento total nesta fachada, por 9,90 metros de largura média, já que o edifício não possui os ângulos parietais em esquadria. Na parede Oeste existem três janelas de grandes dimensões, mas actualmente providenciam pouca luminosidade devido à presença de construções adjacentes.

Com paredes de alvenaria em tijolo burro e argamassa de cal e saibro, possui um telhado com forro de madeira no centro do qual uma clarabóia fornece mais luminosidade do que as fenestraçãoes na parede Oeste. O telhado é composto por telhas do tipo marselha, da marca Malpique (Campo Grande). O travessamento desta estrutura caracteriza-se pela utilização de asnas compostas (Mateus *et al.*, 2021: 490).

12. Disponível no sítio electrónico da Fundação Saramago (<https://www.josesaramago.org/biografia>).

13. Diário do Governo, 2.ª série, n.º 279, de 28 de Novembro de 1942.

14. Cf. autobiografia disponível no sítio electrónico da Fundação Saramago (<https://www.josesaramago.org/biografia>).

As vigas inferiores encontram-se a uma distância do pavimento de cerca de 3,60 metros, sendo o pé direito total de 7,10 metros. Neste travejamento apoia-se a transmissão de energia motriz, com recurso a polias para correias que accionavam as diversas máquinas assentes no pavimento subjacente, e veios para a ramificação da transmissão.

Para a explicação da disposição das transmissões de energia motriz, optámos por apresentar uma metodologia criada pelos autores para este efeito. Esta metodologia surgiu com a necessidade de explicar esquematicamente a configuração de um conjunto de dispositivos que, apenas pela fotografia e pela descrição, não são totalmente percebidos. Esta transmissão, claramente adaptada ao edifício e improvisada quanto à sua funcionalidade, é composta por consolas de suporte (superiores e parietais), chumaceiras de rolamentos montadas em consolas de ferro, correias e veios com polias¹⁵. Outros pequenos elementos, mas não menos importantes, surgem na forma de recipientes de recolha de gotejamento de óleo ou uniões de veios de transmissão. No capítulo seguinte esta transmissão terá assim uma proposta de esquematização com recurso a simbologia.

As máquinas que permaneceram, foram inventariadas e serão, também no capítulo seguinte, sumariamente explicadas, em conjunto com uma planta de localização das mesmas no espaço.

No subsolo, em alinhamento perpendicular com o portão principal, existe aquilo que é normalmente designado como “fossa de oficina” ou “fosso de mecânico”. Este fosso, que tem 1,00 metro de largura por cerca de 1,00 metro de profundidade, está coberto com dormentes em madeira e encontra-se totalmente preenchido com materiais recentes, formando um contexto arqueológico selado. Do lado Este, existe uma plataforma superior onde estão materiais diversos em depósito e uma sequência de caifos em madeira. Na parte inferior localiza-se uma área de balneários e sanitários, assim como o acesso à plataforma, com recurso a escada de madeira.

4. DESCRIÇÃO E TEORIZAÇÃO DA PLANTA OFICINAL

Foi decidido entre os autores, e com a limitação de acesso que é normal num espaço dentro de um

hospital activo, tentar compreender o edifício quanto à sua funcionalidade e organização laboral. No entanto, não foi possível (e na verdade é quase impossível) fazer uma caracterização da organização original das cadeias operatórias de uma serralharia. Uma oficina é um organismo vivo, onde a adaptação a necessidades múltiplas é o lema principal. Optámos assim pela selecção e registo dos equipamentos que se afiguravam mais antigos no espaço: principalmente aqueles que tinham relação visível com o sistema de transmissões e com os vestígios de fixação no pavimento. Atribuíram-se números a bancadas, máquinas e compartimentos para uma melhor explicação da oficina (Figura 03). Este levantamento foi efectuado em Outubro de 2021.

A bancada 1 (B1, Figura 05) possui 68 cm de largura, 262 cm de comprimento e 90 cm de altura. Está situada a Oeste junto das janelas. Em madeira, com revestimento verde, denota um uso que a desgastou e fracturou em vários pontos, notando-se vários elementos em falta. Possuía 4 portas e 5 gavetas, sendo actualmente repositório de porcas, parafusos, anilhas e pregos concrecionados.

A bancada 2 (B2) com 109 cm de largura, 291 cm de comprimento e 90 cm de altura, situa-se sensivelmente a meio do espaço da serralharia. Possui 5 gavetas de cada lado, com as respectivas portas por baixo. Já foi muito alterada e reparada, com adaptações de reforços e a montagem de calhas PVC para a passagem de condutores eléctricos. Ocasionalmente ainda se denota o revestimento original a castanho e verde. Era uma bancada de trabalhos de uma forma geral e servia também como repositório de consumíveis e peças complementares.

A máquina 1 é uma fresadora da marca alemã Alfred H. Schütte¹⁶. Possui 130 cm de altura com uma largura máxima de 73 cm e um comprimento máximo de 102 cm. Está numa orientação Norte-Sul actualmente, mas claramente não estará na sua posição original na planta oficial.

A máquina 2 é um torno em ferro, com um cone de 4 velocidades (Figura 06). Possui 411 cm de comprimento, uma altura máxima de 120 cm e 96 cm de largura máxima. Está orientado a Norte-Sul actualmente, e supõe-se que, dado o alinhamento com a transmissão superior e com o cone de velocidades nesta máquina, que se encontra na posição original,

15. Estes termos e conceitos técnicos serão brevemente explicados após as considerações finais, num pequeno glossário.

16. Veja-se <https://www.schuette.de/en/company/history> (consultado a 28.06.2023).

oulá perto. O pavimento não apresenta sinais de pontos de fixação para este engenho. Apresenta-se muito concretado, possuindo uma placa de fabricante onde, devido às camadas de gordura depositada, não se consegue perceber o que está gravado. Apresenta na parte inferior ao cabeçote um recipiente onde se depositaria o lubrificante das componentes móveis. A máquina 3 é um berbequim vertical, chamado de “engenho de furar” pelos funcionários (Figura 07). Para estes, um berbequim é o nome da máquina que se usa na mão, e nunca está fixo. Também da marca Alfred H. Schütte, tem de comprimento máximo 127 cm, uma largura de cerca de 54 cm e uma altura máxima de 200 cm. Está no seu lugar original, pois ainda se encontra fixado ao chão. Possui um cone de 4 velocidades e o direccionador da correia de transmissão ainda se move, apesar de estar coberto de oxidação. Duas das correias de transmissão ainda se encontram na máquina, mas não é nenhuma das que ligava ao sistema de transmissão superior. O engenho, o prato de apoio e o sistema de cones de transmissão estão acoplados a uma estrutura de ferro fundido em forma de pé, que estaria por sua vez aparafusada ao chão, por questões de estabilidade. A máquina 4 é uma prensa para desempanar peças fabricada pela American Chain Company. É regulável de acordo com o volume da peça a intervir e funciona com uma bomba hidráulica, accionada através de um manípulo lateral. Possui 174,5 cm de comprimento máximo, e 36,5 cm de largura máxima. Tem uma altura de cerca de 201,2 cm e está orientada no sentido Este-Oeste. Tem um revestimento vermelho muito oxidado. A máquina 5 é também um engenho de furar, mas eléctrico, da marca EFI Portugal, referente a Eduardo Ferreirinha & Irmão – Motores e Máquinas EFI, SARL. O engenho está acoplado a uma estrutura de ferro fundido, com um pé. Estaria aparafusada ao solo, de forma a garantir estabilidade. Possui 60 cm de comprimento máximo, 33 cm de largura máxima e cerca de 207 cm de altura. Não se encontrava claramente no seu local original, e o revestimento azul-esverdeado que possui foi aplicado recentemente. A máquina 6 é um torno eléctrico, trifásico, e terá sido uma das últimas máquinas a ser colocada enquanto o espaço funcionou como serralharia (Figura 08). Possui chapas de fabricante, com o nome da empresa Jacinto Ramos & Irmão. A presença de uma placa com a marca “Romar Equipamentos Industriais” pode ser uma referência à empresa

responsável por reparações. Tem uma orientação Este-Oeste, 68 cm de largura máxima e 280 cm de comprimento máximo. De altura, possui 102,5 cm. Está em funcionamento, pelo que ainda é utilizado para pequenos trabalhos por parte do pessoal da manutenção. Tem revestimentos recentes a azul-esverdeado e vermelho escuro na base. Tradicionalmente, este torno é descrito pelos funcionários como o local de trabalho principal de José Saramago, algo que, como veremos à frente, é impossível. A máquina 7 é também um torno em ferro de menores dimensões do que a máquina 2. Foi fabricado pela marca dinamarquesa Danish Machine Company¹⁷. Possui 192 cm de comprimento máximo, 108 cm de altura por 65 cm de largura máxima. Está situado ao lado do seu local original de função, devido às marcas de fixação correspondentes no pavimento e pelo posicionamento da polia na transmissão superior. Possui uma pequena bancada de apoio improvisada com cerca de 25 cm de largura por 125 cm de comprimento. Está disposto na orientação Norte-Sul. A um pequeno, mas robusto serrote, foi atribuída a designação de máquina 8. Funcionaria também com recurso a força motriz através de correia ligada à transmissão superior, devido à presença de uma polia lateral. O engenho possui 95 cm de comprimento máximo e 89 cm de altura por 40 cm de largura máxima. Desconhece-se a sua localização original. A máquina 9 é um diferencial. Muitas das vezes atribui-se a estes engenhos o nome de guincho, mas de forma errada. Um guincho usa um cabo, e no levantamento de cargas, o cabo é enrolado num carreto ou tambor. O diferencial é um engenho cuja patente, de 1854, está atribuída a Thomas Aldridge Weston¹⁸, e usa um sistema de correntes em vez de cabos. Normalmente está montado numa viga e pode ser deslocado ao longo da mesma. O exemplar em questão possui um formato semi-piramidal, com uma roda dentada interna, eixo rotativo interior para accionar o sistema de desmultiplicação¹⁹ da força, correntes de accionamento e uma polia com gancho virado para baixo para suportar cargas ou prender cabos ou

17. Veja-se <http://www.lathes.co.uk/damco/> (consultado a 28.06.2023).

18. Veja-se <https://alchetron.com/Differential-pulley> (consultado em 10.06.2023).

19. Em mecânica chama-se desmultiplicar à redução de uma velocidade de rotação para uma menor velocidade. No caso de um diferencial, para aumento da força de elevação.

cordas. A viga de suporte tem 524 cm, com orientação Este-Oeste. Possui 8 cm de largura e 18 cm de altura. Do diferencial não foi possível a obtenção de medidas por estar numa localização inacessível.

A máquina 10 é uma esmeriladora (Figura 09). Servia para tirar rebarbas de peças em metal, para arredondar arestas em peças pequenas, desbastar, afiar utensílios, dar acabamentos, remover oxidações ou dar polimentos finais. À data desta inventariação, não deveria estar muito afastada do seu local original, já que na parede adjacente estava localizada uma polia com um veio interno assente em duas chumaceiras. Esta polia transmitiria força motriz à esmeriladora por meio de uma correia. O engenho da marca Alfred H. Schütte possui 116 cm de altura por 60 cm de largura máxima. Tem um pé circular com furações para fixação ao solo.

Resta indicar que o motor eléctrico (M) que faria funcionar todo o conjunto está colocado numa consola parietal na parede Norte, a cerca de 250 cm de altura. A falta de limpeza e manutenção não permitiram retirar qualquer especificação das chapas informativas, nem a marca de fabricante do mesmo.

A transmissão no vigamento pode ser compreendida através do esquema proposto na Figura 04. Os veios de transmissão, como o nome indica, servem para transmitir a energia motriz pelo circuito. São feitos em liga de ferro e podem ser ligados entre si por junções. As polias podem estar fixas aos veios, as quais, através de correias de couro imprimem rotação ao sistema (uma delas ainda se encontra presente). Havendo uma polia livre ao lado de uma polia fixa, significa que, por meio de um direccionador da correia, se podia parar o movimento de um dado segmento do circuito. Bastava para isso que se direccionasse manualmente a correia em movimento para a polia livre. Ficando a rodar livremente no eixo, não imprime rotação ao sistema. As chumaceiras são pontos de apoio dos veios de transmissão, e convinha estarem constantemente lubrificadas, para permitir uma rotação do veio sem esforço. Os cones de velocidades tanto nas máquinas como nas transmissões, serviam para seleccionar a velocidade ou a força com que se desejava trabalhar nas máquinas.

Este sistema de transmissões seria normal numa oficina do século XIX ou até anterior, já que a sua configuração é em tudo semelhante a outras oficinas e espaços industriais que utilizavam a energia a vapor, eólica ou hidráulica. O seu funcionamento e manutenção seria algo que os utilizadores dos es-

paços industriais e oficinais da época conheceriam bem. No caso de avarias, ou de reparações, a sua resolução seria pouco complexa, mais ainda porque por debaixo do sistema de transmissões trabalhavam... serralheiros. Apesar deste sistema se afigurar anacrónico à primeira vista para a tecnologia do início do século XX, a marca alemã Alfred H. Schütte fundada em 1880, que observámos em vários engenhos começou a fabricar este tipo de máquinas só a partir de 1915²⁰. É possível que estes engenhos tenham vindo novos para este espaço, já que cronologicamente esta etapa da marca encaixa no período de inauguração da própria oficina.

5. MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS

Na primeira vez que um dos autores (C.B.) convidou os restantes a visitar o espaço desta oficina, surgiu também a oportunidade de obter informação oral de um dos funcionários da manutenção. Como já vimos, este era um local repleto de máquinas cheias de histórias e memórias acumuladas ao longo das décadas. Enquanto explorávamos o espaço, um dos serralheiros²¹ ia explicando o funcionamento da prensa ou do torno. Ia contando as partidas que se faziam entre colegas, algumas delas já clássicas.

Também partilhou uma memória de um episódio que tinha ocorrido em 2009 relacionado com a máquina N.º 6. Num dado momento, o engenheiro-chefe deu-lhe a tarefa de pintar esta máquina (os revestimentos de outros engenhos aparentam ter sido também intervencionados na mesma altura). Esta ordem simples, levou ao apagamento do que lá estava esgrafitado, e segundo o relato, seriam *coisas que o Saramago ali tinha escrito*.

Por momentos ficámos a pensar no que poderia ter sido lá deixado. Rascunhos literários ou simples cálculos no decorrer de trabalhos que envolvessem a operação do torno? A ideia é poética, mas é duvidoso que alguma das coisas que lá estavam escritas fossem relevantes no que concerne ao génio de José Saramago. O escritor era ainda muito novo nesta altura (18/19 anos), possivelmente já gostaria de escrever poesia, mas pensamos que se tivesse de escrever, à partida, não seria na chaparia de uma máquina. Certamente o que ali estava escrito (que

20. Conforme <https://www.schuettede.de/en/company/history> (consultado a 28.06.2023).

21. O funcionário em questão pediu anonimato.

teria sido escrito por outras pessoas, de certeza) não seriam mais do que contas e anotações sobre os trabalhos que estavam a ser feitos no local. De recordar que Saramago só por ali trabalhou escassos meses entre 1941 e 1942, transferindo-se para os serviços administrativos de seguida, o que faz com que esta história não tenha qualquer sustentabilidade. Como prova desta conclusão, a própria máquina possui na sua chapa de fabricante a data de construção: 1975. Episódios como este são bem mais comuns do que se julga. Mas pode ser apenas uma construção da memória colectiva de quem por ali passou. A própria serralharia já tinha sido alvo de uma referência num documentário da RTP²² em 2008, onde se podem observar funcionários a utilizar as diferentes máquinas (aos 17:21 minutos), e a entrevista ao ex-encarregado da serralharia, mestre Artur Pereira (aos 17:46 minutos). Esta reportagem não nos revela muito acerca da passagem do escritor por ali. Certamente também já nessa época seriam poucas as pessoas que se cruzaram com Saramago naquele espaço.

Outro funcionário que concedeu uma breve entrevista, Jacinto Teixeira, começou a trabalhar nas lavandarias com 16 anos e ia com frequência à serralharia. Tinha à data deste levantamento 65 anos e é serralheiro mecânico de profissão. Lembra-se dos torneiros mecânicos, mas alega que a névoa na memória apenas lhe traz um nome, o Sr. Mário, que era a pessoa com quem se falava quando eram precisas peças trabalhadas a torno. De qualquer modo recorda-se que trabalhavam ali cerca de 8 pessoas. Ali e numa oficina lateral, já inexistente. Faziam lá trabalhos em ferro. Na época, as transmissões no tecto já não funcionavam, e já havia electricidade para accionar a máquina 6.

Na generalidade, não existem histórias relevantes acerca de José Saramago no espaço da serralharia, o que pressupõe que a memória da sua passagem fosse algo que só se tivesse dado atenção já após o seu reconhecimento público enquanto escritor. E como já foi mencionado, Saramago só trabalhou ali durante meses, há pouco mais de 80 anos, o que não deixa muito espaço para memórias sólidas ou que sejam relevantes.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este caso de estudo contribuiu com mais informação e debate do que se poderia supor à partida. Se por um lado aquilo que poderia chamar mais a atenção seria o facto de nesta pequena serralharia ter trabalhado José Saramago, a singularidade do espaço, dos seus agentes humanos e todas as discussões teóricas acerca da sua organização laboral acabou por se sobrepor à premissa inicial.

A figura pública que caracteriza Curry Cabral contribuiu também para a compreensão e evolução no plano organizacional e institucional do espaço, dentro do que poderíamos classificar como um contexto base para micro-histórias, narrativas ricas em pormenores do dia-a-dia de trabalhadores comuns.

Com o apoio do registo historiográfico e institucional, a direcção para um levantamento das materialidades, com recurso a inventariação dos equipamentos, permitiu uma abordagem arqueológica estimulante que levou a considerar o que estava instituído podia ser colocado em causa. Por exemplo, o facto de José Saramago ter utilizado a máquina n.º 6. Esta primeira informação fornecida oralmente, que não colocaríamos em causa sem um estudo aprofundado do local em apreço, revelou-se falsa. No entanto, consideremos dois pontos. Em primeiro lugar, o tempo de laboração que este escritor teve no espaço. O mesmo afirma nas suas memórias que trabalhou “*durante cerca de dois anos como serralheiro mecânico numa oficina de reparação de automóveis.*”²³ Do ponto de vista dos autores, nem uma máquina, como um torno mecânico, configura por si só um posto de trabalho permanente na organização de uma oficina, nem a própria máquina n.º 6 (ainda no local) é compatível com as tipologias de tornos referentes à data de 1941-1942, o que se comprova pela sua data de fabrico colocada na chapa. E como foi demonstrado com recurso aos registos da instituição, José Saramago não esteve num posto de trabalho que permitisse estabelecer relações de continuidade vincadas. Em segundo lugar, o cruzamento dos vários dados técnicos, da apreciação da planta laboral e das informações que foram possíveis de obter, faz-nos ponderar se não estaremos perante um interessante caso de memórias construídas, ou de falsas memórias, uma particularidade de *descrever uma*

22. Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/jose-saramago-levantado-do-chao/>

23. Veja-se <https://www.josesaramago.org/biografia/> (consultado a 27.06.2023).

ampla variedade de erros de memória, desde listas de palavras mal lembradas até relatos erróneos de detalhes em histórias (Newman, Lindsay, 2009: 1106). Não obstante, espera-se que esta breve abordagem contribua para que estes sítios pouco divulgados do ponto de vista da Arqueologia do Passado Recente, possam ser vistos como casos de estudo onde os cruzamentos de várias disciplinas contribuam para a clarificação de postulados. Sim, José Saramago trabalhou nesta oficina, mas a brevidade da sua passagem dificilmente terá deixado uma memória robusta. No entanto, tudo aquilo que o espaço nos pode ensinar, poderá ser tão ou mais valioso do que a menção à presença do famoso prémio Nobel.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Conselho de Administração do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central (CHULC) que permitiu o acesso estudo deste contexto. Os agradecimentos são extensíveis aos engenheiros e funcionários da Área de Gestão de Equipamentos e Infraestruturas do CHULC, aos técnicos do Arquivo Geral do CHULC e às colegas do Gabinete do Património Cultural do CHULC, pelo seu apoio e esclarecimentos prestados.

BREVE GLOSSÁRIO

Chumaceira – Dispositivo de suporte dos veios de transmissão que os envolve e fixa, assim como permite estabilidade da rotação do sistema. Normalmente necessita de lubrificação constante para evitar atrito, e encontra-se de forma comum montado em consolas parietais.

Cone de velocidades – Elemento da transmissão ou dos engenhos, que recebendo a força motriz através de uma correia, pode alternar entre a força e a velocidade de rotação, aplicada a um eixo.

Consola – Elemento estrutural em ferro, chumbado à parede ou montado em vigas de suporte. De formato em L, suporta as chumaceiras.

Correia de transmissão – Componente móvel que transmite energia motriz entre veios, através das polias. Pode ser feita em diferentes materiais, tais como couro ou algodão. Os extremos das correias podem ser ligados com costuras ou com colchetes em ferro.

Direccionador da correia – Dispositivo manual que faz alternar a direcção da correia numa polia fixa

para uma polia livre, ou para mudar a velocidade/força motriz do engenho através do cone de velocidades.

Fogueiro – Indivíduo responsável pela operação das fornalhas que produzem vapor.

Junção do veio – Peça que faz a união mecânica entre dois segmentos de veio de transmissão, seja para prolongamento, seja como reparação.

Motor eléctrico – Máquina que converte energia eléctrica em força motriz pela rotação de um veio. No interior, o rotor (veio central) gira pela indução dos enrolamentos de cobre ou bobinas magnéticas.

Polia – Objecto com formato circular, que pode ser montado num veio para servir de elemento de transmissão ou recepção de energia motriz. Nas polias são ligadas as correias de transmissão. Por vezes tem a designação de tambor.

Polia dupla – Normalmente este recurso de duas polias adjacentes no veio pode significar que cada uma coloca força motriz em máquinas diferentes, ou uma polia recebe movimento e a outra transmite, dependendo da configuração da transmissão.

Polia fixa e livre – Numa máquina ou num engenho, a selecção deste recurso accionaria o movimento, ou suprimiria o movimento. Ou seja, a máquina trabalha quando a correia acciona a polia fixa. Através do direccionador da correia, ao passar a mesma para a polia livre (que não está fixa ao eixo), faria com que a máquina ou engenho interrompesse o funcionamento.

Receptor de óleo – Bandeja metálica associada à chumaceira ou a outros pontos de fricção num sistema de transmissão, para a recolha de excedente de lubrificação.

Veio de transmissão – Elemento móvel dos sistemas de transmissão de força motriz caracterizado por um eixo metálico cilíndrico que transmite movimento aos restantes elementos.

BIBLIOGRAFIA

Fontes impressas

(consultadas no Arquivo Geral do CHULC)

· HCL – Registo de Vencimentos do Pessoal Superior e Diversos 1944/1947

· HCL – Superior e Diversos 1940-1943

· Livro 33 – Registo-Geral do Pessoal Hospitalar

· Registo de Vencimentos – Pessoal Hospitalar 1940-1941

BARBOSA, Ilídio de Oliveira (1960) – *Uma Galeria dos Enfermeiros-Mores*. Lisboa: Imprensa Tipográfica «Casa Portuguesa».

CABRAL, José da Câmara Curry (1915) – *O Hospital Real de São José e Anexos. Desde 7 de Janeiro de 1901 até 5 de Outubro de 1910*. Lisboa: Typographia «A Editora Limitada».

CARMONA, Mário (1964) – Assuntos Hospitalares: Acerca do Banco do Hospital de São José. *Boletim Clínico dos Hospitais Cíveis de Lisboa*, Lisboa, 28 (1-4), pp. 187-191.

FERNANDES, Paulo Almeida (coord. edit.) (2023) – *Cidade-Miniatura. A Maqueta de Lisboa pelo bombeiro Luís Pereira de Carvalho*. Lisboa: Museu de Lisboa – EGEAC.

MONTEIRO, Jorge Manuel Martins (2012) – «A Medicina Contemporânea» – Um caso emblemático na imprensa médica portuguesa. Dissertação de Mestrado em Jornalismo apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (policopiado, não publicado).

MATEUS, Rafaela; NETO, Mariana; COUTINHO, Íris; HENRIQUES, Dulce (2021) – “Caracterização e reabilitação de coberturas tradicionais com estrutura de madeira: revisão bibliográfica” in Costa, A.; Tavares, A.; Rodrigues, H.; Lapa, J. (eds.) CONREA’21 – *O Congresso da Reabilitação: Livro de Atas*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

NEWMAN, Eryn; LINDSAY, Stephen (2009) – False memories: What the hell are they for? *Applied Cognitive Psychology*, 23, pp. 1105-1121.

Por despacho de 21-11-1942 foi autuado o como suspeito de esquite alemão que se viu. 6-9-2: Seriv. N.º 279, de 28-11-1942

Modelo 504

PROCESSO N.º 8200

Nome *José de Souza Saramago*

Categoria: *assalariado para os S. Lusos*
trabalha no palácio de 8400

Data do despacho: *10-11-1941*
Rescindir o contrato a seu pedido. Desp. de 10-4-1942
6-9-2: Seriv. N.º 79 de 5-4-1942

L.º n.º *33* fs. *84*
L.º n.º _____ fs. _____
L.º n.º _____ fs. _____
L.º n.º _____ fs. _____
L.º n.º _____ fs. _____
L.º n.º _____ fs. _____
L.º n.º _____ fs. _____

Figura 1 – Verbete do processo 8200.



Figura 2 – Aspecto frontal da Serralharia.

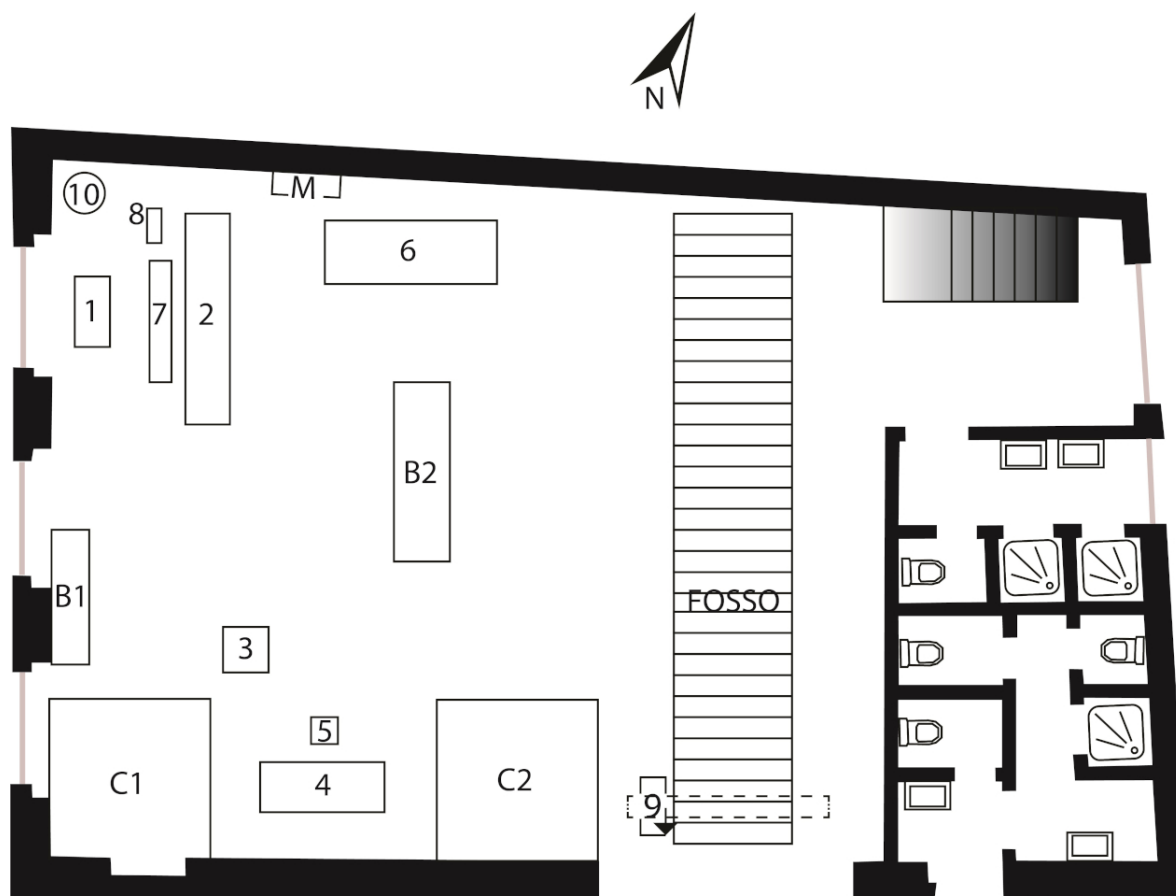


Figura 3 – Planta da Serralharia do Hospital de S. José com as referências para os equipamentos levantados. Piso 0, Escala 1/100.

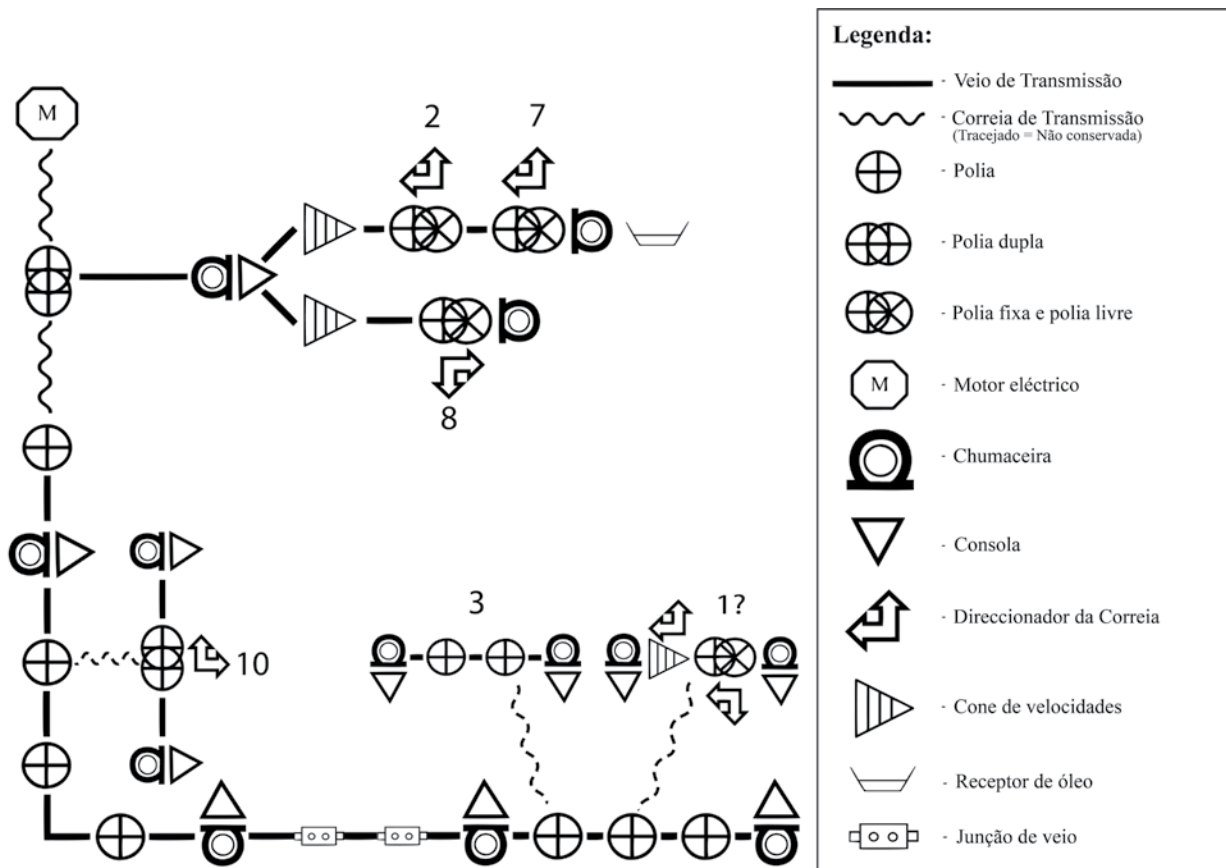


Figura 4 - Representação em matriz da transmissão superior. A numeração corresponde aos equipamentos numerados na Figura 2, que cada uma destas ramificações accionava.



Figura 5 - Bancada 1 (B1).

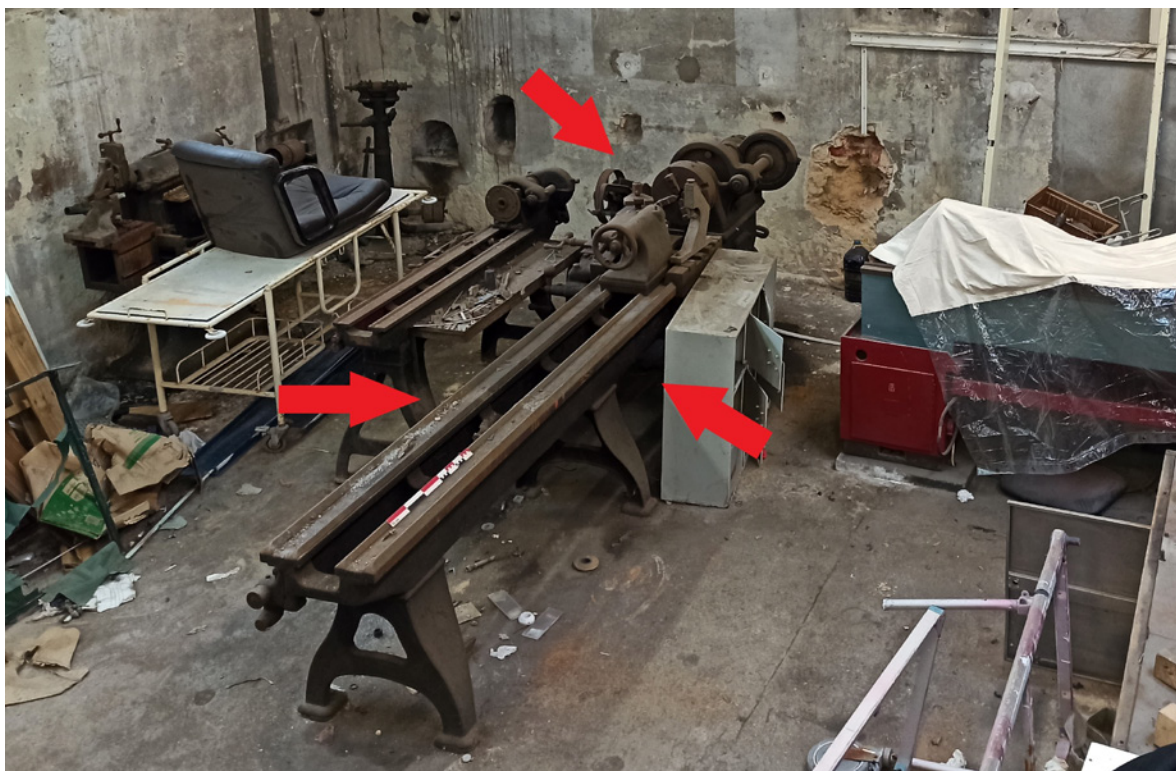


Figura 6 - Torno (Máquina 2).



Figura 7 - Engenho de furar (Máquina 3).



Figura 8 - Torno eléctrico (Máquina 6).



Figura 9 - Esmeriladora (Máquina 10).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**